

# EDITORIAL

## ESTUDOS CLÁSSICOS NA ESCOLA PORTUGUESA A PROCURA DE UM ESPAÇO: LEGÍTIMO, CONTESTADO, CONSENTIDO?

Os argumentos que possam ser invocados em defesa dos valores culturais não constituem prova necessária, evidente e constringente. Processo radicado no tempo, a cultura nem sempre deriva de opções consentidas, mas só é dinâmica quando acede a um grau de reconhecimento explícito do que se perde ou se ganha com o seu obnubilamento ou com a sua integração não tanto na engrenagem do quotidiano como no planeamento de uma maneira de estar na vida. Não apelaremos por isso para um cruzadismo em favor de a ou b de qualquer desses valores, mas o que se pedirá, honestamente e minimamente, é que no explanamento da axiologia sobre que tem assentado uma sociedade, ou, correlativamente, que, ao contabilizar as experiências constantes do processo histórico de uma sociedade não se escamoteiem as experiências organizadas e os factos relevantes nos vários tempos que nos precederam e sobretudo das aquelas épocas que marcaram mais intensamente os períodos que se lhe seguiram.

Descendo ao plano concreto e actual da interpelação/contestação/discussão/aceitação (com grau maior ou menor de convicção) dos Estudos Clássicos na Escola Portuguesa, algumas reflexões nos advêm:

1) Ninguém contestará que a sua admissão provoque uma interpelação, já que fazem parte de um mundo não imediatamente acessível e perceptível, tanto mais que as próprias sobrevivências do passado podem (e, até porque fazem parte de um presente, devem, em rigor) ser interpretados numa estrutura imanente, com sentido de integração de cada um dos elementos em presença.

2) Todos admitimos que a integração da globalidade dos elementos constantes desse conjunto obriga a percorrer uma linha diacrónica, a ultrapassar os micro-sistemas em que estamos incluídos para colocarmos a nossa própria experiência (a não ser que a queiramos absolutizar, o que constituiria como de discórdia) em outras mais alargadas e que, não obstante as incidências do acontecer quotidiano, se mantêm operantes. A sincronia ou a própria introspecção não chegam para expli

car as variantes que persistem em conservar-se e que, de um momento para o outro, podem intervir como ponto de referência e de equilíbrio do sistema. Nem a sincronia vive sem a diacronia (o momento não é mais que um fragmento — irrisório e colhido por abstracção do tempo) nena introspecção pode ser critério quando em confronto estão experiências das mais variadas. Não se colhe duas vezes a mesma flor, nem um estado de consciência pode isolar-se do acto individual que a constroi.

3) Porque os elementos constantes da cultura não são imediatamente acessíveis, interpretáveis e valoráveis, importará desenvolver uma pedagogia inventiva que ponha em confronto os comportamentos de hoje com os dados de ontem, sem se deixar impressionar com as miragens que o deserto pode ocasionar (e tanto mais frequentemente quanto mais escaldantes e movediças são as areias que passam sobre os nossos pés), mas também sem fixismos de metodologias (porque a pedagogia é um acontecer no contacto com a realidade mutável do quotidiano e resultante de um diálogo em que mestre e discípulos constroem em conjunto) nem de conteúdos (porque a Antiguidade Clássica é tão rica em diferenças como a variedade com que hoje nos defrontamos).

4) A riqueza da Cultura Clássica justifica plenamente a serenidade de quem se devota ao seu estudo. Não são necessários complexos de inferioridade que seriam tão descabidos como quaisquer outros de superioridade. Mais do que uma cultura particular, temporalmente situada (e por muito que isso haja de ser acentuado para uma compreensão tendencialmente aproximada), há uma experiência humana que intervém no conjunto cultural colectivo. Tanto basta para o sentimento de humildade dos transmissores que necessariamente são todos aqueles que à Cultura Clássica (nos seus vários aspectos, desde o ensino das línguas à interpretação do viver dos seus falantes) se dedicam. Mas também tanto chega para motivarmos a nossa presença junto de outros que, não mais do que nós, intervêm no discernimento das coordenadas presentes na dinâmica cultural do mundo moderno. Apenas um cataclismo (que ninguém desejará certamente admitir com gosto ou um mínimo de serenidade) nos poderia privar desse sentido de continuidade que se tem verificado na cultura ocidental ao longo de séculos (pelo menos desde a utilização da escrita). Nessa linha de continuidade, a cultura clássica tem um lugar de relevo, unanimemente reconhecido, ainda que, para-

doxalmente, nem sempre tomado em consideração.

5) Equacionar a permanência de uma educação que assegure a consciência e a explicitação da cultura clássica em termos de custos monetários é esquecer, pelo menos, que nem só de pão vive o homem. Importará, mais do que isso, questionar quais os custos reais do esquecimento dessa cultura e do apagamento dos meios e instrumentos que a ela conduzem. Aprender gramática não é tudo, nem talvez o aspecto mais importante quando dimensionamos o objectivo que é a fruição estética de um poema (lírico, épico), de uma peça de teatro... Mas não será possível lá chegar sem o encaminhamento que passa pela gramática. Descobrendo Virgílio poder-se-á viver (ou dormir) sossegado e tranquilo. Mais tranquilamente que sem água a correr na torneira, o peixe no frigorífico, a energia eléctrica na tomada para o aspirador ou para a torradeira, o bife no prato ou o leite condensado... Mas importará saber se, sem tal conhecimento, será possível apreender o universo da epopeia ocidental, ou todo um conjunto de reminiscências que ecoam aqui e além na literatura moderna. Pode-se também inventar uma linguagem. Mas funcionar com aquela que nos foi transmitida implica tomar consciência das ressonâncias (denotações e conotações) que lhe servem de base.

Equacionar dois mundos em termos de custo implica, para que a operação tenha um mínimo de credibilidade, que esses dois mundos sejam sobreponíveis e que qualquer deles seja passível de ser tomado como moeda de troca.

6) Uma coisa não é possível ignorar pelo menos: a cultura clássica, como mundo organizado de conhecimentos, leva vantagem às outras concorrentes. Por muito que se queiram apontar fracturas entre ela e nós, a continuidade é reconhecida pelos espíritos mais lúcidos, os quais inclusivamente nela procuram por vezes uma compensação das sínteses e dos valores que hoje lhes faltam. É que a explicitação das formas de cultura clássica, a sua gramática (entendida em sentido genérico e não apenas no domínio linguístico) mantêm-se como um terreno privilegiado de exploração para uma antropologia renovada.

7) Assim sendo, caberá aos cultuadores do classicismo descobrir a estratégia mais adequada para revelarem aquilo de que, por vezes envergonhadamente, fazem profissão.

Os instrumentos legais serão talvez insuficientes, mas a apli

cação dos existentes poderá não raro levar à solução de problemas que apenas por rotina ou falta de interesse daqueles a quem mais directamente dizem respeito se não desbloquearam.

A informação do que realmente existe e a exploração das possibilidades reais reclama porventura contrariar a inércia, mas o facto é que a competição faz parte da maneira humana (e muito clássica) de estar na vida. Longe de nós o sugerir o recurso a formas expeditivas. No entanto, "nil desideratum quin cognitum"... Para isso importa rá alguma intervenção, por ex., em situações tão concretas como o trabalho de inscrições no início do ano escolar, a distribuição de turmas, a criação de actividades susceptíveis de despertar interesse...

= / =

Vai mais longa a reflexão do que inicialmente pretendíamos, e o abuso levantar-nos-á, pelo menos, a suspeição de estarmos a argumentar em defesa própria e em causa que nos diz respeito para sermos juízes isentos em matéria controversa. Tal reflexão pretende apenas ser um ponto de partida para este número de **CLASSICA**.

Sai ele, novamente, com atraso apreciável relativamente ao que nós próprios pretenderíamos. Valha ele pelo que se propõe ser, uma vez mais, e não tanto pelo que efectivamente apresenta.

Dialogámos com VERGÍLIO FERREIRA que também de clássicos tem muito que contar. Reflectimos com G. DURAND, na sua passagem por Lisboa, pois que sobretudo ao mundo clássico tem ele ido buscar muitos dos seus materiais de base e a sua inspiração mais fecunda. Deixamos pistas de orientação. Procuramos informar sobre as actividades desenvolvidas à nossa volta (de nós, Departamento de Estudos Clássicos, à falta de informação mais alargada que continua a faltar-nos). Tentamos criar elementos de reflexão. Para tanto, o tempo disponível é pouco; e por isso mesmo o ritmo do ano lectivo nos apanha de novo no fim.

Esperamos voltar muito brevemente com um contributo especial para a celebração do bimilenário da morte de VIRGÍLIO. Abrimo-vos desde já às vossas sugestões sobre este tema.

A.N.